

Senhoras e Senhores,

Para quem me conhece e para o Luis Miguel mais do que ninguém, estas minhas palavras hoje, aqui, não são coisa fácil. Não tenho hábito do discurso e a fala atrapalha-se me em público. Estou certa de que outros teriam gosto em vir aqui e de que, melhor do que eu fariam esta apresentação. Ajuda-me simplesmente acreditar, que ao Luis pareceu natural que eu aqui estivesse. Entendo que me não pede que enuncie, sem de nada me esquecer, tudo quanto vos possa ter levado a que lhe fosse atribuído o prémio “Troféu Latino”.

Este seu gesto eu tomo sim como mais um momento das nossas vidas, que hoje tendo esta forma particular, diante de todos vós, é também, a de me trocar as voltas e de, por uma vez, me pôr a falar em público!

E é no mesmo jeito que percorro um quotidiano longo, desde a primeira hora que me foi dado conhecê-lo. Temos comuns amigos de infância e de adolescência, comuns temos as fés e os entusiasmos; à distância parece-me tudo isto ser um caminho natural, que sempre foi e será.

Se nos tínhamos cruzado já, foi o 25 de Abril e aquele verão quente que nos encaminhou. E desse tempo de tanta memória há uma, no alto das escadas do Teatro do Bairro Alto, e o Luis Miguel a perguntar se eu queria ajudar no próximo espectáculo. Era o Ah Kiu. Sem grandes dúvidas achei que sim, e pela mão daquela gente, o teatro e os seus trabalhos e mistérios tudo invadiram.

A isto me refiro porque se me fez então aí um lugar novo e complexo de vida. No mapa, pequeno talvez. Mas que se amplia e abre no fazer de cada dia. E o Luis aí está. De corpo inteiro.

Um lugar ideal e concreto para misturas sem fim e dar sentido à vida: à luz de escuros e de claros; com poucas certezas e intuições quantas mais melhor; labuta artesanal quotidiana; escutando e perscrutando, vivendo e inventando amores, enganos, gostos e desgostos; na constante tarefa de escavar na memória do mundo e de cada um e de atar pontas por outros deixadas; fazer para desfazer e tornar a

fazer; desossar material e restaurar também com humildade e com paixão. E erros. Com certeza. E generosidade é claro. Vontade sempre de partilhar com quem o queira, pequenas descobertas e as dúvidas também. Com quem faz e com quem vê depois o que se fez. No meio de correntes, ventos e marés nem sempre de feição. Mas com o empenho e a convicção próprios dos meninos quando brincam uns com os outros, e em cujo jogo os crescidos acabam por entrar e acreditar.

Este lugar que descrevo, é uma cena onde o Luis existe. Que lhe serve para viver a vida ampliada com a vontade que sempre lhe vi e que lhe devolve, julgo, o gosto de continuar a fazer. A fazer coisas que uns vêem, outros não, e que pouco tempo duram – ao contrário de outras artes que ficam e que um dia, mais tarde, se podem ver e usar a prazer. É que os registos não são a coisa. O teatro tem essa natureza efémera e generosa. Faz-se mostrando-se e desaparece. E aquilo que dantes me parecia tão cruel, hoje afigura-se-me virtude própria. Coisa obscura e luminosa e misturada, que se tece de fios grossos e finos por outros já tecidos, com nós e acrescentos, mas que num instante se desmancha e acaba. Mas vamos ter fé, que como se de uma página branca se tratasse, outros desejos chegam e com cuidado e paciência e trabalho atento, outro desenho surge.

E o caderno faz-se, folha a folha, corpo a corpo, em corrida contra o tempo. E assim é a vida pelo teatro celebrada. Aqui, agora, com olhos postos aquém ou mais além, juntando, questionando, servindo em espaço aberto à reflexão. No desejo e no prazer de um gesto, tiro certo ou abraço imenso, com o traço de família que sempre está numa geração que quis mudar o mundo e que não quer esquecer nem deixar que se esqueça o que não pode ser esquecido. Onde cabe a esperança sempre de...quem sabe, se não for desta, talvez para a próxima se chegue lá...Porque se não pode ou se não é capaz de dizer tudo de uma vez...e o mundo não acaba assim...e ainda temos tempo.

Isto dizendo eu agora, é no Luis que penso.

Mestre-de-obras e maestro de corpos e de almas expostos em acção criada e a falar, a falar...Usando da palavra, esse instrumento maior para tudo e mais alguma coisa e que é aqui, agora, outra vez sua.

Cristina Reis. Lisboa, 27 de Maio de 2008.